

Editor proprietário: — José Bernardo da Silva

História das Tres Princesas Encantadas



EDITOR
PROPRIETARIO
José Bernardo da Silva

— HISTÓRIA DAS —

Três Princesas Encantadas

Nes campos da Palestina
o sol surgia dourado
sua palhetas de ouro
cobria a relva e o prado
envolvendo a natureza
num manto todo azulado

O vento agitava o campo
na folhagem sibilava
na copa dos arvoredos
o beijo-flor rutilava
a natureza tranqüilla
nessa hora despertava

O passarinho saudoso
soltava sua canção
a brisa suavemente
cortava na amplidão
a noite deixava o dia
em completa confusão

As abelhas nesta hora
sugavam o néctar da flor
as ovelhas pelos campos
acompanhavam o pastor
a natureza curvava-se
aos pés do Criador



Nesta hora rica e santa
três rapazes se achavam
com três cachorros de fila
aos montes se enraminhavam
no pé duma grande serra
a cinco dias caçavam

Um delas era Agripino
era muito presunçoso
o segundo era Maurilo
um tipo pretencioso
o terceiro era Agenor
dos três o mais valoroso

Agenor era um rapaz
de forte musculatura
as feras ouviam o seu grito
temiam a sua bravura
tinha um metro e noventa
centímetros, de altura

Aonde Agenor caçava
cobra corria assombrada
o tigre perdia o salto
leão deixava a morada
a fera que o enfrentasse
morria na sua espada

Um dia esses três rapazes
subiram a uma colina
em cima havia uma fonte
jorrando água cristalina
na sombra de um piabeiro
de folhagem verde e fina

Eles descansaram ali
gozando de horas suaves
a fonte lhes oferecia
suas águas impagáveis
todos três se divertiam
com os gorjeios das aves

Assim passaram dois dias
então no dia terceiro
Agenor disse: amanhã
aqui quem chegar primeiro
espera um pelo outro
na sombra desse pinheiro

Agenor chamou seu cão
partiu furiosamente
Agripino encaminhou-se
para o lado do nascente
Maurílio tomou seu ponto
para o lado do poente

Com poucas horas Agenor
lutava com um leão
a fera estava faminta
rolava pedra na mão
voava terra no corpo
fazia rombo no chão

O leão ergueu as juba
ligeiramente pulou
Agenor saltou de banda
com a espada cravou
o cão fez presa na guela
num instante estrangulou

Agenor disse: eu agora
vou um pouco descansar
depois pegou a espada
começou a esfolar
da fera só quiz o couro
deixou a carne ficar

Então sem perda de tempo
seguiu em busca da caça
subiu a um grande monte
viu em baixo uma fumaça
ali havia uma pedra
alva igual uma vidraça

Era uma grande pedra
muito bem esquadrejada
em cima havia uma marca
de um modo bem desenhada
da forma de uma porta
parecendo uma entrada

Ele sentou-se na pedra
contemplou a pradaria
examinou bem a marca
que naquela pedra havia
lhe parecendo que ali
alguem entrava e saia

Agenor olhava a pedra
alva e bem calcionada
fazia mil pensamentos
terminava tudo em nada
só lhe parecia ser
uma cidade encantada

Ele aí mudou a vista
sem ter um atinante
a marca que ele viu
abriu-se naquêle instante
mas ele não presentia
essa passagem importante

até naquele

Agenor pelo que viu
ficou impressionado,
dizia dentro de si:
será um reino encantado?
de dentro vinha um perfume
que o deixou embriagado

Santo Deus, que pedra é essa?
êle consigo dizia,
olhava pra todos os lados
nada mais aparecia
só via mesmo o desenho
porta mais não existia.

Nessa hora a noite vinha
estendendo o negro manto
Agenor ali deitou-se
e o cão no mesmo canto
como quem dizia ao dono:
dorme que eu te garanto

Ele dormindo sonhou
que viu um corpo suspenso
de uma moça tão bonita
de um pederio imenso
que lhe dizia: Agenor
eu ainda lhe pertença.

No sonho perguntou-lhe:
de onde vieste agora?
tu és a princesa encantada?
ela disse sem demora:
sou a princesa Esmerina
do Reino da Branca Aurora.

Tenho mais duas irmãs
de cabeleiras ondeadas
de formosura tão rara
com os anjos comparadas
por caso dum cartomante
estamos aqui encantadas

Esse infeliz cartomante
pretendia a minha mão
eu o recusei e ele
pelo seu mau coração
transformou o reino em pedra
vivemos na solidão

Ela transformou nós três
em três retratos somente
nos colocou em um quadro
oh! coração de serpente
somos gente, sem ter vida
temos vida sem ser gente

Até que apareça aqui
um jovem bem destemido
que entre de pedra a dentro
lute e vença o tal bandido
mas por capricho da sorte
isto não foi concedido

Neste sonho êle colhia
da princêsa o riso dôce
o cão ladrava na pedra
e Agenor acordou-se
tinha o dia terminado
e o dia apresentou-se

Ele chamou o seu cão
seguiu sem perder roteiro
Maurilo com Agripino
tinha chegado primeiro
já lhe esperavam na fonte
na sombra do pau pinheiro

Ele abraçou os colegas
sentou-se instantaneamente
Maurilo notou que ele
estava com um ar diferente
tanto que até perguntaram
se êle estava doente

Não estou doente, disse êle
porém existe um motivo
vou explicar a vocês
não sei se é positivo
o que passou-se comigo
fez-me ficar pensativo

Ele em poucos minutos
narrou todo o ocorrido
come matou o leão
sem por êle ser ferido
da pedra que encontrou
e do sonho que tinha tido

Sendo assim: disse Agripino
será grande novidade
amanhã nós seguiremos
com a maior brevidade
vamos olhar esta pedra
tirar a realidade

Na manhã do outro dia
seguiram então todos três
até que viram a pedra
com todo seu polidez
inda estava mais bela
do que a primeira vez

Viram a marca na pedra
da fôrma de um declivel
sem chave e sem cadeado
pra eles aquilo era horrivel
só não viram mesmo o sonho
porque isso era impossível

Eles concordaram ali
achando que merecia
dormirem na mesma pedra
e caçarem no outro dia
para ver se de grandeza
alguma coisa se via

Depois desta concordata
cada um se preveniu,
porém num fechar de olho
a dita marca se abriu
eles estavam em conversa
nem um dos três presentiu

Quando êles viram a entrada
que da pedra a dentro ia
e um perfume suave
da mesma pedra saía
como se fosse um recinto
da mais alta burguezia

Maurilo disse: Agenor
a situação é seria,
ou é morada encantada
ou é morada funéria,
dos espíritos invisíveis
desligados da matéria.

Agenor disse: agora
o que devemos fazer,
è um cêsto de cipó
e uma corda se tecer
se amarra o cêsto com ela
e dentro dêle descer

Tira-se muito cipó
um tece e outro repuxa
tece-se uma corda forte
forra-se o cêsto com bucha
quem tiver coragem desce
o medroso é quem puxa

Concordaram, e cada um
agarrou a sua espada
um cortava, outro trazia,
numa palestra animada
Agenor ficou na pedra
espreitando a grande entrada

Até que fizeram o cêsto
que cabia uma pessoa
teceram mais uma corda
sem fazerem cousa atôa
com cem metros de tamanho
grossa resistente e bôa

Agenor disse consigo:
nem um de nós se aborrece
está feito o cêsto e a corda
mas outra cousa carece
falta saber-se agora mesmo
dos três qual é o que desce

Agripino aí cismou
e ficou medítabundo
olhava para o buraco
via um abismo tão fundo
e disse logo: eu não desço
por todo ouro do mundo

Disse Maurilo: eu também
fico de fóra e não entro
pode isso ser o inferno
quando eu chegar lá no centre
o diabo fechar a porta
e eu morrer queimado dentro

Agenor disse: eu desço
com a espada na mão
o que vier eu enfrento
alma, fantasma ou buzão,
se a corda não terminar
vou encostar no purão

Tenho estratégia de arma
sou musculoso e possante
eu de espada em punho
não vejo quem me espante
fantasma que não se esconda
reino que eu não desencante

Quando eu descer no cêsto
para eu não me consumir
dou um sinal a vocês
pra quando eu quizer subir
pego na corda e balanço
puxe que quero sair

Está muito bem o sinal
assim concordaram os três
Agenor disse: eu desço
confiando em vocês
quando balançar a corda
puxe o cêsto duma vez

Cinqüenta e cinco metros
desceu na escuridão
ai o cêsto parou
Agenor disse então:
ou a corda se terminou
ou eu cheguei no purão

De fato, não enganou-se
o que consigo pensou
era um salão magestoso
uma luz fina brilhou
as belezas que havia
ali o admirou

estapas

Em frente havia um portão
de pilar bem construído
preso por uma corrente
de aço fino e polido
por cima um cadeado
de metal príncipe e burnido

Tinha ricos toalhados
cadeiras de finas flôres X *palhas*
torneiras e lavatórios
afiadores e navalhas
bacia e saboneteira
jarros e porta toalhas

Finas espreguiçadeiras
cadeira e ventiladores
desenhos, fotos, gravuras
chapanes, vinhos, licôres,
espelhos e cristaleiras,
relógios e espertadores

Bancadas de marfim puro
de pilares arqueados
mésas para refeição
com pratos marmorizados
talheres de prata e ouro:
de brilhantes cravejados

Camas das mais importantes
de madeiras do Oriente
acolchoados de seda *imponente*
por um sistema importante X
Agenôr olhava tudo
mas não via um só vivente

Agenôr viu em seu quarto
três gravuras desenhadas,
três princêsas tão belas
que estavam ali retratadas
ali via-se os retratos
mas elas eram encantadas

Os retratos da princêsa
eram de tal raridade
eram três côrpos perfeitos
três rostos de santidade
eram três santas rezando
nos pés duma divindade

Devido a tanta beleza
Agenôr ficou risonho
das 3 princêsas a mais nova
tinha o semblante risonho
disse êle: foi essa mesmo *Tristão*
que me apareceu em sonho.

Agenôr sentia fome
mas firme se conservava
aí ouviu uma voz
e uma sombra que passava
dizendo: venha jantar
e nada mais lhe falava

Na mesma havia 1 cardápio
Agenôr pensou pegá-lo
com estes dizeres assim:
êste reino é um regalo
será feliz o cristão
que vier desencantá-lo

Disse Agenor: sendo assim
vou ver se a sorte me quer
se não morrer eu descubro
tudo que aqui houver
sou moço estou preparado
para o que der e vier

Quando Agenor terminou
de fazer a refeição
viu abrir-se em sua frente
um grandioso portão
de dentro saiu um monstro
num bodejado do cão

Pergunta o monstro: quem foi
que deu-lhe o atrevimento
de transpor o que eu fiz
sem possuir elemento?
Agenor disse: cale-se
tipo ruim e nojento

O monstro tinha as orelhas
compridas e acabanadas
a boca era uma cratera
as presas bem aguçadas
o dente menor do monstro
tinha doze polegadas

Torna o monstro a perguntar
de onde vens tipo imundo?
disse Agenor: é um homem
que veio do outro mundo
mas não aceita pilheria
de um tipo vagabundo

O monstro disse consigo:
hoje aqui não sai-se bem
da forme que é lá é cá
Agenor disse também:
eu quero dar-lhe 1 purgante
que nunca dei a ninguém

Entre os 2 travou-se a luta
cada qual com mais bravura
disse Agenor: minha espada
onde bate corta e fura
doutor não passa receita
nem a medicina cura

Sendo assim, disse o monstro
pegou mesmo do meu jeito
meu alfange aonde passa
rasga da cabeça ao peito
medico não tem valor
remedio não tem efeito

Nisto uma voz feminina
ouviu-se naquele abrigo
dizia assim: Agenor
livra-me deste inimigo
que meu amor casto e puro
eu juro partir contigo

Quando Agenor ouviu
essa voz calma e fagueira
firmou-se no pé direito
deu-lhe um golpe na moleira
e outro no coração
caiu aquela porqueira

O monstro caiu morrendo
mole que só uma papa
disse Agenor; minha espada
faz buraco e ninguem tapa
passei o primeiro riaco
venci a primeira etapa

Quando o monstro caiu morto
a voz lhe disse: Agenor
és feliz porque mataste
este monstro traidor
já podes dizer que és
herdeiro do meu amor

A mesma voz lhe dizia:
não tem que se encomodar
deste principio a vitoria
nada aqui há de faltar
tome banho, troque de roupa
e depois vá descansar

Agenor ouviu bater
seis horas no carrilhão
ele entrou no banheiro
banhou-se a satisfação
trocou de roupa e sentou-se
na mesa da refeição

Depois da ceia, Agenor
ouviu a mesma voz sonora
dizer-lhe: é bom sair
não convém fazer demora
a sua cama está pronta
vá dormir que já é hora

Agenor disse, ó Deus
o que será que acontece
ouço a voz não vejo o vulto
do ente que me conhece
e voz disse: é muito cedo
quando for tempo aparece

Agenor entrou no quarto
viu uma cama sem dono
um cortinado de sêda
parecendo ser um trono,
dessas que a gente se deita
dorme sem está com sono

Quando Agenor deitou-se
naquela cama macia
a sombra de uma mão
desligou a luz que havia
o silencio tomou conta
do misterio que existia

Quando desligou a luz
Agenor teve um sobroço
porque sentiu o cantato
de um braço roliço e grosso
e uma mão perfumada
que passava em seu pescoço

Aí ele adormeceu
até quando se acordou
que braço grosso era aquele?
ai logo o que se lembrou
e que mão seria aquela
que em meu pescoço passou?

Que lugar misterioso
tem tudo, sem movimento
aqui a brisa não passa
nem sequer forceja o vento
é certo que existe luz
mas não a do firmamento!

Agenor estava pensando
naquela situação
quando jogaram 1 anel
que bateu na sua mão
brilhava igual uma estrela
de uma constelação

Era um grande talismã
cravado com 3 turquêsas
e umas letras dizendo
faça estas 3 defêsas
risque o anel nos retratos
que desencanta as princêsas

Ele pegou o anel
as três turquêsas brilharam
riscou o anel nos quadros
todos três se transformaram
em três princêsas tão belas
a seus pés se ajoelharam

A primeira era mais alta
chamava-se Enedina
a segunda era Odete
era uma imagem divina
a caçula era e mais bela
justamente era Esmerina

Disse Esmerina: eu te vi
quando tu foste chegado
então cheguei transformada
te vi na pedra deitado
tu pensavas que era sonho
por fim estavas acordado

Disse Esmerina: Agenor
eu assisti o momento
que tu mataste a monstro
sem ter esmorecimento
eu tirei-lhe o anel do dedo
segui pro meu aposento

Por meio deste anel
que joguei na tua mão
o monstro nos transformou
sem a menor compaixão
enquanto o monstro com vida
ninguem aqui tinha ação

Este anel na minha mão
não tinha valor de nada
se eu riscasse os retratos
seria mais castigada
dobrava mais o encanto
ficava mais encantada

O monstro matou meu pai
porque casar eu não quiz
com este odio o monstro
transformou aesso país
nos encantou nos retratos
aquele instante infeliz

Estamos desencantadas
a ti a vida devemos
mas o reino está em pedra
e tôda riqueza que temos
e para desencantar tudo
o mistério não sabemos

Disse Agenôr: que importa
de ter me sacrificado,
pra desendantar vocês
sair daqui arrasado
o teu amôr, Esmerina
vale por todo reinado.

Porém Esmerina tinha
quatro pedras de brilhante
num cofrezinho de ouro
cada qual mais importante
que trocado por moéda
dava uma soma importante

Disse Agenôr: agora
nos vamos sair daqui
primeiro eu mando vocês
naquele cêsto ali
depois eu por derradeiro
vou subino de persi

Com estas frases Esmerina
beijou-o com mais pudor
devido aquele beijo
ser dado com tanto amôr
quase que deixava os lábios
na cara de Agenôr

Ele pegou Esmerina
sentiu um prazer infinde
boteu-a dentro do cêsto
ela sentou-se sorrindo
ai balançou a corda
lá vai o cêsto subindo

Para encurtar a história
assim subiu tôdas três
êle ficou esperando
com todo seu polidez
porém leitor, Agenôr
enganou-se dessa vez

Quando Agripino e Maurilo
viram aquelas feições
disseram: são duas imagens
que veem de outras regiões
uma maldade satânica
atacou-lhe os corações

Maurilo disse: Agripino
vamos levá-las pra gente
não se desce mais o cêsto
Agenôr lá que se aguente
se êle quizesse princêsa
tinha saído na frente

Disse Esmerina: Maurilo
não sejas assim tão tirano,
não deixe Agenôr ficar
por nosso Deus soberano
quem tem um coração desse
prova que não é humano

Matem a mim, mas não deixe
êle em tal tirania
antes tivesse encantada
para mim melhor seria
do que deixar Agenor,
sofrendo tanta agonia

Mas êles não atenderam
aquela reclamação,
conduziram as três princêsas
sem atenderem razão
elas choravam q'ê as lágrimas
enodoavam o chão

O cachorro de Agenor
amigo leal e fino
acompanhava as princêsas
naquele bosque ferino
nunca perdeu o roteiro
de Maurilo e Agripino

84
Ficou Agenor ali
quase a perder o sentido
não viu o cêsto descer,
disse: já sei fui traído
por aqueles dois covardes,
tudo que fiz foi perdido

O que Agenor encontrou
o leitor está ciente
quando as princêsas saíram
mudou tudo de repente
transformou-se tudo em pedra
restava uma luz sômente

Comida mais não havia
mesa mais não encontrou,
cama desapareceu
êle aí desanimou
só lhe restava a ossada
do monstro que êle matou

Infames! disse Agenor
morrerei nesse castigo
ah! se eu inda soubesse
de dentro desse perigo,
vocês pagavam-me caro
o que fizeram comigo

Nesse momento Agenor
uma grande porta viu
adiante era uma sala
de onde o monstro saiu
êle pegou a espada
para lá se dirigiu

A sala era onde o monstro
estava de noite e dia
era um grande reservado
que todo mistério havia
aonde havia dois líquidos
que ninguém os conhecia

Um líquido rôxo outro verde
em dois vidros reservados
uma rotulagem fina
e todos dois bem selados
e as receitas indicando
os seguintes resultados:

O rôxo dizia assim:
se quer encantar alguém
jogue 1 pingo dêste líquido
naquilo que lhe convém
transforma qualquer reinado
encanta tudo que tem

No líquido verde se lia
o seguinte resultado:
derrame um pingo dêste
que aonde for espalhado
verá se desencantar
tudo que está encantado

Dizia a mesma receita
essa água é muito fina
mas ela só faz efeito
como a receita ensina
se os vidros fôrem abertos
pela princêsa Esmerina.

Agenor leu a receita
ficou mais desanimado
Esmerina aqui não está
morrerei aqui trancado
só vós, grande Deus me salva
dêste abismo desgraçado.

92
Ora leitor, às princêsas
muito longe já estavam
as lembranças de Agenor
eram sêtas que furavam
as lembranças eram lágrimas
que nos seus olhos rolavam

Porém 2 príncipes da Grecia
traziam como sigilo
uma embaixada a um rei
nas margens do Rio Nilo
encontraram com as príncêsas
com Agripino e Maurilo

Assim que as três príncêsas
aos 2 príncipes avistaram
quase loucas e assim mesmo
com êles se abraçaram
os príncipes não esperavam
com isso se admiraram

Os dois covardes com raiva
aos dois príncipes se dirigiram
as príncêsas esmoreceram
sobre a terra caíram
nisso a batalha engrossou
e as espadas tiniram

Dos príncipes não se sabia
qual seria o mais forte
se uma espada era boa
a outra tinha bom corte
já na Grecia era chamado
pela coluna da morte

O cachorro de Agenor
aos dois príncipes ajudava
partia para os covardes
trincava os dentes e rosnava
aonde batia as presas
era um taco que arrancava

Dentro de poucos minutos
estava terminada a luta
os dois covardes morreram
na batalha absoluta
tiveram a recompensa
da ação péssima e bruta.

104
Muito difícil era agora
leitor, dos príncipes encontrar
aonde Agenor estava
como podia acertar
a princesa não conhecia
o roteiro pra voltar

Ficaram as princesas salvas
mas triste por outro lado
elas contaram aos príncipes
tudo quanto foi passado
dos covardes a tirania
que havia praticado

O cachorro festejava
os príncipes com tal carinho
pra onde estava Agenor
êle botava o fucinho
como quem dizis: vamos
que eu te ensino o caminho

Disseram os príncipes este cão
conhece bem o lugar
onde Agenor ficou
êle é capaz de ensinar
êle indo em nossa frente
é muito fácil acertar

O cachorro ouvindo isto
com os príncipes se abraçava
ia perto das princesas
cheirava o mato e pulava
botava o focinho no chão
na frente deles marchava

Os príncipes que viajavam
em dois camêlos forçosos
montaram as 3 princesas
com seus braços valorosos
seguiram em busca da serra
vencendo montes escabrosos

pedra

Gigante o velho cachorro
não perdia direção
não falava mais latia
dando uma compreensão
que ia bem satisfeito
cumprir a sua missão

Então os príncipes seguiram
pelo cachorro, guiados
junto com as três princesas
destros e bem animados
cortando as relvas rasteiras
dos campos aureolados

O horizonte surgia
naqueles campos azuis
nas terras da velha Asia
terra de fonte e de luz
pátria da Família Santa
aonde nasceu Jesus

su sa f... e

Afinal com muitas léguas
na viagem agonizante
no ramalhar das palmeiras
daquêle bosque constante
avistaram a dita pedra,
alva, grande e deslumbrante

O cachorro viu a pedra
tornou-se ainda mais ativo
aumentava mais o chôto
no roteiro positivo
talvez consigo dizendo;
meu senhor estará vivo!

Dali a poucos minutos
da pedra se aproximaram
devido a tanta beleza
os príncipes se admiraram
o cêsto estava da forma
que os covardes deixaram

Asses

Os príncipes desceram o cêsto
provando serem de bem
vocês não chorem princêsas
aperreio aqui não tem,
se Agenôr estiver vivo,
com toda certeza vem

Asses

Agenor coitado estava
com toda força abatida,
a sede secava os lábios
a fome cortava a vida
por felicidade a luz,
lhe iluminava a guarida.

Neste momento Agenor
estava oprimido e sofrendo
dizia: aqui morrerei
neste sofrimento horrendo
foi quando Agenor viu
o grande cesto descendo

Quando Agenor viu o cesto
na sua espada pegou
como também os 2 liquidos
e no cesto se sentou
deu um vai-e-vem na corda
quem estava em cima puxou

Agenor chegou em cima
viu a luz do sol brilhar
conheceu logo Esmerina
disse: eu estarei a sonhar?
a alegria de ambos
não se podia calcular

O cachorro de Agenor
que chamava-se gigante
abraçava-o no pescoço
dava pulo interessante
dando uma prova que era
amigo firme e constante

112
Agenor perguntou a eles:
o que foi que aconteceu
com Agripino e Maurilo?
Esmerina lhe respondeu;
demore que vai saber
tudo quanto sucedeu

Reuniram-se as princêsas
todo passado contaram
as aflições dolorosas
os desgostos que passaram
e a grande felicidade
quando os fidalgos encontraram

Olha, vê a queles príncipes?
foi a nossa salvação
vinham da Grecia ao Egito
cumprindo uma missão
entregarem uma embaixada
a um rei doutra nação

Nós estávamos chorando
os príncipes apareceram
nós lhes pedimos socorro
e ele nos atenderam
ai travou-se uma luta
e os 2 covardes morreram

Depois da luta os príncipes
vieram nos perguntar
se nós tínhamos noções
de roteiro pra voltar
nenhuma das três sabiam
não podíamos ensinar

Neste momento o cachorro
solteu um uivo de dor
dando a saber aos príncipes
que era conhecedor
e que sabia ensinar
acnde estava o seu senhor

Os príncipes vendo essa ação
seguiram rapidamente
disseram: vamos príncêsas
êsse cão ensina a gente
nós seguiremos atrás
e êle sempre na frente

Até que chegamos aqui
aonde estava detido
se não fosse êsse cachorro
estava tudo perdido
não sabíamos voltar
e você tinha morrido

Agenor abraçou o cão
um dos amigos leais
curvou-se ante os príncipes
dizendo: não sofro mais
e entregou a Esmerina,
um dos líquidos colossais

Como também o anel
que êle tinha guardado
entregou a Esmerina
o talismã invejado
porque êle nas mãos dela
ia dar bom resultado

O vidro do líquido verde
Esmerina destampou
em cima da grande pedra
num canto e noutra pingou
tudo que estava encantado
ali se desencantou

12^a } Os príncipes se admiraram
quando viram a raridade
transformou-se aquela pedra
em uma grande cidade
sendo a mais rica e bonita
encanto da mocidade

Então os nomes dos príncipes
eu quero dizer aqui
um do outro era irmão
o mais velha era Nabi
então o príncipe mais moço
chamava-se Carobi

Numa grande catedral
muito assejada e fina
casou Nabi com Odete
Carobi com Enedina
por derradeiro Agenor
casou-se com Esmerina

Realizou-se o sonho
que Agenor teve outrora
acabou-se o sofrimento
tudo ali era melhora
ficaram os três dominando
o Reino da Branca Aurora

Fim-Juzzeiro. 1-2-62

Preço 40 Cruzeiros

Tip. São Francisco

De José Bernardo de Silva

mantem um variado Sortimento
de Romances, Folhetos, Orações
etc. Grande desconto para os
Revendedores

Rua Sta. Luzia 203 — — 269 Juazeiro do Norte Ceará

Agente da Tipografia S. Francisco: Admir Coelho Arrais

Rua Magalhães de Almeida imperatriz Maranhão